Nº 498
De 17 de junho a 2 de julho de 2015
Ano 18

R$2 (11) 9.4101-1917 PSTU Nacional www.pstu.org.br @pstu16

MAIORIDADE PENAL

REDUÇÃO NÃO É A SOLUÇÃO

Em defesa da vida das nossas crianças e da juventude pobre e negra da periferia Páginas 10 e 11

Foto: William Oliveira

CULTURA

Vem dançar no meu arraiá

Junho é mês de festa junina, quadrilha, forró, fogueira, quentão e traque na mão. Se liga no arraiá!

Página 19

MOVIMENTO

Patrões promovem onda de demissões na indústria

Mesmo com o bolso cheio, empresas demitem. Saiba como os trabalhadores estão resistindo.

Páginas 12 e 13

MOVIMENTO

2º Congresso Nacional da CSP-Conlutas reúne lutadores de todo o país

Congresso reafirma alternativa de luta dos trabalhadores e aprova chamado à Greve Geral

Páginas 4 e 5

páginadois

CHARGE

Falou Besteira

"Deveríamos construir mais prisões, mesmo que isso significasse menos escolas"

RODRIGO CONSTANTINO, colunista da revista Veja, defendendo a redução da maioridade penal no Brasil. O colunista é campeão em falar besteira. (Veja 05/06/15)

CAÇA-PALAVRAS

Sete países que fizeram revoluções no século XX

T	Ç	I	E	V	Ò	O	L	Ç	Õ	C	R
C	Ú	R	O	D	M	I	Õ	Õ	T	H	Ü
F	E	V	L	R	Í	E	V	Á	Ó	I	R
J	S	Ô	Á	Ü	C	X	À	L	S	N	Ú
Í	P	O	R	T	U	G	A	L	E	A	S
X	A	G	C	Ê	B	Ê	Â	B	Í	M	S
J	N	Ô	A	B	A	V	Ü	Q	U	Á	I
C	H	Ü	M	U	Ã	V	T	N	B	E	A
Ô	A	L	B	U	Í	M	Ó	I	Í	T	Y
B	J	S	O	F	D	Á	Ü	J	Z	Ü	O
Ü	Ã	É	J	L	O	A	H	Ç	M	Ô	Ò
W	Ê	Q	A	B	V	I	E	T	N	Ã	A

RESPOSTA: Rússia, Portugal, Espanha, Camboja, China, Cuba e Vietnã

Um mandato em defesa do povo

Uma pesquisa realizada pelo Instituto Tiradentes apontou a vereadora Amanda Gurgel (PSTU) como a parlamentar mais atuante da cidade de Natal (RN). A pesquisa, realizada entre os dias 13 de abril e 5 de maio, é o reconhecimento de um mandato socialista que se pauta pela atuação política em defesa dos direitos dos trabalhadores e da população pobre contra a exploração dos patrões, os privilégios dos políticos e o descaso dos governos com os serviços públicos. O último golaço da vereadora do PSTU foi a aprovação do Projeto de Lei 24/2014 que garante o afastamento remunerado para servidoras municipais vítimas de violência sexual, familiar ou doméstica.

Almoçar pra quê?

Em São Bernardo do Campo (SP), durante a primeira plenária do Orçamento Participativo (OP) de 2015, no dia 8 de junho, o atual prefeito Luiz Marinho (PT) gritou com professoras que criticaram o corte da merenda na rede municipal. O plano de Marinho cortou a alimentação de 85 mil alunos da rede municipal. Após ser questionado, o prefeito alterou a voz e disse: *"Não vou aceitar mentiras sobre o plano. Não tenho obrigação de dar almoço a quem entra às 13h. É correto uma mãe levar uma criança para a escola às 13h sem almoçar?"*, perguntou. Marinho, que já foi presidente da CUT. Ele também atacou a greve dos servidores do município, que durou 22 dias.

fala POVO!

"Uma sugestão de pauta: Doze anos de luta pela estatização e controle operário na Flasko."
Leitor, pelo WhatsApp

"Gostaria de parabenizar o partido pela iniciativa. Vai ficar bem interessante. De que forma podemos contribuir com o jornal?"
Daniel, pelo WhatsApp

"Parabéns pelo novo layout do jornal, ficou muito bom."
Leitor, pelo WhatsApp

"Os operários da obra Abelado Santos, Belém (PA), gostaram muito da capa. Minha opinião é de que a matéria sobre reforma política tem coisas difíceis como 'partidos ideológicos', 'liberdades democráticas', 'constituição'. Essas coisas emperram a leitura. Precisa explicar. "
Leitor de Belém, pelo WhatsApp

Opinião Socialista:
Obrigado pelas mensagens! Todos os leitores podem contribuir com o jornal enviando notícias sobre sua categoria e informações de suas lutas. É só mandar que garantimos um cantinho em nosso jornal.

Expediente

Opinião Socialista é uma publicação quinzenal do Partido Socialista dos Trabalhadores Unificado.
CNPJ 73.282.907/0001-64 / Atividade Principal 91.92-8-00.

JORNALISTA RESPOSÁVEL Mariúcha Fontana (MTb14555)

REDAÇÃO Diego Cruz, Jeferson Choma, Raiza Rocha, Luciana Candido, Romerito Pontes

DIAGRAMAÇÃO Romerito Pontes e Victor "Bud"

IMPRESSÃO Gráfica Lance (11) 3856-1356

CONTATO

FALE CONOSCO VIA **WhatsApp**

Fale direto com a gente e mande suas denúncias e sugestões de pauta

(11) 9.4101-1917

opiniao@pstu.org.br

Av. Nove de Julho, 925. Bela Vista - São Paulo (SP). CEP 01313-000

NOSSAS SEDES

NACIONAL
Av. 9 de Julho, 925
Bela Vista - São Paulo - SP
CEP 01313-000 | Tel. (11) 5581.5776
www.pstu.org.br
www.litci.org
pstu@pstu.org.br
opiniao@pstu.org.br
assinaturas@pstu.org.br

ALAGOAS
MACEIÓ - Rua 13 de Maio, 75, Poço em frente ao Sesc) pstual.blogspot.com

AMAPÁ
MACAPÁ - Av. Sergipe, 407 - CEP. 68908-310. Bairro Pacoval. Tel: (96) 3224.3499

AMAZONAS
MANAUS - R. Manicoré, 34 - Cachoeirinha CEP 69065100

BAHIA
SALVADOR - Rua Santa Clara, nº 16, Nazaré. pstubahia.blogspot.com
CAMAÇARI - R. Emiliano Zapata, s/n - CEP 42800-910 - Nova Vitória

CEARÁ
FORTALEZA - R. Juvenal Galeno, 710 - Benfica. (85) 3044.0056
JUAZEIRO DO NORTE - R. São Miguel, 45 - São Miguel. (88) 8804.1551

DISTRITO FEDERAL
BRASÍLIA - SCS Quadra 6, Bloco A, Ed. Carioca, sala 215 - Asa Sul. (61) 3226.1016 | brasilia@pstu.org.br

GOIÁS
GOIÂNIA - Rua 237, nº 440, Qd-106, Lt- 28, casa 02 - Setor Leste Universitário. (62) 3541.7753

MARANHÃO
SÃO LUÍS - Av. Newton Bello, 496, sala 10 - Monte Castelo. (98) 8812.6280/8888.6327 pstumaranhao.blogspot.com

MATO GROSSO
CUIABÁ - Av. Couto Magalhães, 165 - Jd. Leblon. (65) 9956.2942/9605.7340

MATO GROSSO DO SUL
CAMPO GRANDE - Av. América, 921 - Vila Planalto. (67) 3331.3075/9998.2916

MINAS GERAIS
BELO HORIZONTE - Edifício Vera Cruz, R. dos Goitacazes 103, sala 2001. bh@pstu.org.br
BETIM - (31) 9986.9560
CONTAGEM - R. França, 352, sala 202 - Eldorado. (31) 2559.0724
ITAJUBÁ - Av. Engenheiro Pedro Fonseca Paiva, 188/303 - Bairro Avenida. (35) 8402.1647
JUIZ DE FORA - Av. Rio Branco, 1310 (sobrado) - Centro. pstu16juizdefora@gmail.com
MARIANA - Rua Jequitibá nº41, Bairro Rosário. (31) 8837-0478 | pstumariana@gmail.
UBERABA - R. Tristão de Castro, 127. (34) 3312.5629|
UBERLÂNDIA - (34) 8807.1585

PARÁ
BELÉM - Av. Almirante Barroso, Nº 239, Bairro: Marco. Tel: (91) 3226.6825

PARAÍBA
JOÃO PESSOA - Av. Apolônio Nobrega, 117. Bairro Castelo Branco (83) 241-2368.

PARANÁ
CURITIBA - Rua Ébano Pereira, 164, Sala 22, Edifício Santo Antônio Centro - CEP 80410-240
MARINGÁ - R. Taí, 597, Sala 11. Centro. Sarandi-PR (44) 9963-5770 | (44) 9856-5034

PERNAMBUCO
RECIFE - Rua do Príncipe, 106, Soledade, Recife-PE CEP 50050-410 www.pstupe.org.br

PIAUÍ
TERESINA - R. Quintino Bocaiúva, 421. pstupiaui.blogspot.com

RIO DE JANEIRO
RIO DE JANEIRO - R. da Lapa, 180 - Lapa. (21) 2232.9458 rio.pstu.org.br
MADUREIRA - Av. Ministro Edgard Romero, 584/302. Próx ao CDD Correios de Vaz Lobo.
CAMPOS - Av. 28 de Março, 612, Centro. www.camposrj.pstu.org.br
DUQUE DE CAXIAS - Av. Brigadeiro Lima e Silva, 2048, sala 404 - Centro.
NITERÓI - Av. Amaral Peixoto, 55 Sala 1001 - Centro.
NORTE FLUMINENSE - R. Teixeira de Gouveia, 1766, Fundos - Centro de Macaé. (22) 2772.3151
NOVA FRIBURGO - R. Guarani, 62 - Cordoeira
NOVA IGUAÇU - R. Barros Júnior, 546 - Centro
VOLTA REDONDA - R. Neme Felipe, 43, sala 202 - Aterrado. (24) 9.9864-7972 pstusulfluminense.blogspot.com

RIO GRANDE DO NORTE
NATAL - Rua Princesa Isabel, 749 Cidade Alta - Natal - RN 84 2020.1290 http://www.psturn.org.br/ pstupotiguar@gmail.com
SEDE NOVA NATAL - Av. dos Caboclinhos, 1068. Conjunto Nova Natal - Natal - RN
GABINETE VEREADORA AMANDA GURGEL - Câmara Municipal do Natal Rua Jundiaí, 546, Tirol, Natal (84) 3232.9430 / (84) 9916.3914 www.amandagurgel.com.br
MOSSORÓ - Rua Filgueira Filho, 52 Alto de São Manoel Mossoró - RN

RIO GRANDE DO SUL
PORTO ALEGRE - R. General Portinho, 243 Portinho, 243 (51) 3024.3486/3024.3409 pstugaucho.blogspot.com
GRAVATAÍ - Av. José Loureiro Silva, 1520, Sala 313 - Centro. (51)9364.2463
PASSO FUNDO - Av. Presidente Vargas, 432, sala 20 - Galeria Dom Guilherm. (54) 9993.7180
SANTA CRUZ DO SUL - (51) 9807.1722
SANTA MARIA - (55) 9922.2448

SANTA CATARINA
FLORIANÓPOLIS - R. Nestor Passos, 77 - Centro. (48) 3225.6831
CRICIÚMA - R. Imigrante Meller, 487 - Pinheirinho. (48) 3462.8829/9128.4579 pstu_criciuma@yahoo.com.br

SÃO PAULO
SÃO PAULO
CENTRO - R. Florêncio de Abreu, 248 - São Bento. (11) 3313.5604
ZONA LESTE - Rua Henrique de Paula França, 136 - São Miguel. (11) 99150 3515. CEP 08010-080
ZONA SUL - R. Julio Verne, 28 - Santo Amaro. (11) 99850 0170
ZONA OESTE - R. Alves Branco, 65 - Lapa de Baixo. (11) 98195 6893
BAURU - Rua 1º de Agosto, 4-47. Edifício Caravelas, 5º andar, Sala 503D. baurupstu@gmail.com
CAMPINAS - R. Saudanha Marinho, 990. (19) 3201.5672
GUARULHOS - Cônego Valadão, 325, Gopoúva. (11) 4966.0484
RIBEIRÃO PRETO - R. Monsenhor Siqueira, 614 - Campos Eliseos. (16) 3637.7242
SÃO BERNARDO DO CAMPO - R. Carlos Miele, 58 - Centro. (11) 4339.7186 pstuabc.blogspot.com
SÃO JOSÉ DO RIO PRETO (17) 9.8145.2910 pstu.sjriopreto@gmail.com
SÃO JOSÉ DOS CAMPOS - R. Romeu Carnevalli, 63, Piso 1 - Jd. Bela Vista. (12) 3941.2845
SUZANO - Rua Manoel de Azevedo, 162 Centro. (11)9.7188-5452 / (11) 4743-1365 suzno@pstu.org.br

SERGIPE
ARACAJU - Av. Gasoduto, 1538-b - Conjunto Orlando Dantas. (79) 3251.3530

Abandonar o caminho da Greve Geral é fazer o jogo dos patrões e do governo

O dia 29 de maio foi um dia nacional de paralisação, construído em unidade com a maioria das centrais sindicais. A mobilização ia pelo caminho da preparação de uma Greve Geral, como defendem a CSP-Conlutas e o PSTU.

No entanto, as principais centrais, depois do dia 29, desviaram-se desse caminho. Tomaram o rumo de se aliar a um setor ou outro da patronal, ao governo ou ao PSDB, para negociar um suposto mal menor.

A CUT e a Força Sindical começaram a se unirem aos patrões para defendera redução dos salários dos trabalhadores e a jornada de trabalho para evitar demissões. Defendem, também, o Fator 85/95 contra o Fator Previdenciário em nome do mal menor. Mas, para os trabalhadores, interessa o fim do Fator Previdenciário e ponto.

O governo, o Congresso Nacional, os banqueiros e os patrões querem que paguemos a conta da crise. A classe trabalhadora está enfrentando demissões, desemprego, alta do custo de vida. As medidas dos governos e do Congresso retiram direitos, cortam verbas sociais e investimentos.

Agora, estão defendendo medidas de repressão aos mais pobres, como

Metalúrgicos do Estaleiro Mauá, em Niteroí, cruzaram os braços neste dia 16 de julho. Um dos motivos é que a patronal pagou apenas 70% do salário

o a redução da maioridade penal, e ataques às liberdades democráticas com políticas que aumentam a opressão às mulheres e LGBTs.

A classe operária, o conjunto dos trabalhadores, a juventude negra da periferia, as mulheres e os estudantes têm se mostrado valentes. Existem greves por todos os lados: fábricas,estaleiros, funcionalismos estaduais, municipais e federal, universidades, construção civil e em muitas empresas terceirizadas. Há, ainda, a luta de quilombolas, ocupações do movimento popular, resistência das mulheres e LGBTs à violência e à intolerância. Iniciam-se campanhas salariais importantes.

Essas lutas precisam e podem fazer avançar a preparação de uma Greve Geral em defesa dos direitos dos trabalhadores contra a política que tira dinheiro dos pobres para dar aos ricos, aos banqueiros e aos grandes empresários.

É claro que os patrões e seus representantes, às vezes, também brigam entre eles na hora de ver quem ganha mais com a nossa exploração. Mas essa divisão deve servir para que os trabalhadores joguem ainda mais unidos contra todos eles. Recusar-se a unir os trabalhadores na luta, desviando-se do caminho da Greve Geral, como fazem agora a CUT e a Força Sindical, significa fazer o jogo dos patrões, do governo e do Congresso.

Chamamos a CUT e as demais centrais sindicais a voltarem para o caminho da construção da Greve Geral!

A hora é de luta! Chega de ajuste fiscal! Chega de Dilma, de PT, de PMDB e de PSDB! ■

OPINIÃO: BERNARDO CERDEIRA

PT: longe da refundação, perto dos patrões e banqueiros

O 5° Congresso do PT foi cercado de muita expectativa. As denúncias de corrupção e o desprestígio do governo Dilma recomendavam aos petistas mudanças profundas no partido. Chegou-se a falar em refundação do PT.

O resultado do congresso, porém, é uma pá de cal em qualquer mudança. O documento final evita críticas e não propõe nenhuma alteração na política econômica, apoiando, na prática, o ajuste fiscal de Dilma e do ministro da Fazenda, Joaquim Levy.

Também foi rejeitada a proposta de ruptura com o PMDB de Eduardo Cunha, Renan Calheiros e Michel Temer, e reafirmada a política de alianças com todos os partidos burgueses que compõem a chamada base governista.

Por último, foi adiada a discussão sobre o financiamento privado de campanha, o que deixa o Diretório Nacional à vontade para receber contribuições de empresas privadas.

E AGORA?

A contradição de Lula, do PT e de seus apoiadores críticos é que precisam apoiar o governo e sua política econômica. Ao mesmo tempo, querem se diferenciar das medidas impopulares que o desgastam cada vez mais. Porém Lula e todos os insatisfeitos petistas votaram na resolução final integralmente.

O resultado do congresso é lógico: são os interesses de banqueiros e patrões que mandam efetivamente no governo Dilma. O PT faz parte de um governo burguês, dominado pelo capital imperialista e nacional, aliado à burocracia petista. Está disposto a se deixar queimar para servir a esses patrões, custe o que custar, mesmo que isso leve a rupturas em sua base social histórica.

O congresso mostra, com clareza, um partido que se tornou instrumento dos banqueiros e dos patrões e não da classe trabalhadora. Nesse sentido, ajuda os trabalhadores a tomar consciência do que é o PT hoje. Essa é a primeira condição para descartarem essa ferramenta inútil e virem construir um novo partido socialista e revolucionário que conduza a classe operária em sua luta para se libertar definitivamente da exploração. Sem patrões, sem corruptos e apoiado na luta dos trabalhadores.

ERRATA

Na edição passada, em artigo sobre o Congresso da CSP-Conlutas, foi citada a corrente sindical “Alicerce” como sendo uma corrente do PSOL. A Coordenação do Alicerce esclarece que são uma organização composta por trabalhadores e jovens, e não fazem parte do PSOL.

CSP-CONLUTAS

Afiando uma ferramenta de luta dos trabalhadores

2º Congresso Nacional da CSP-Conlutas marca fortalecimento da entidade e aprova chamado à Greve Geral

DIRETO DE SUMARÉ (SP)

"*Aqui estamos descobrindo que temos uma arma. O governo tem várias armas. Pode usar a polícia contra nós, fazer leis contra o trabalhador, mas tem uma coisa que ele não pode tirar: a nossa voz*". Quem vê o soldador carioca Alexandre falar com tanta animação pode não saber que ele está desempregado há nove meses. Alexandre foi parte da delegação de operários do Complexo Petroquímico do Rio de Janeiro (Comperj) no 2º Congresso Nacional da CSP-Conlutas. O congresso aconteceu de 4 a 7 de junho em Sumaré, interior de São Paulo.

Junto aos colegas, Alexandre vestia uma camiseta escrita "SOS Empregos", parte da campanha financeira para se manterem durante a viagem. O esforço valeu a pena. Foram quatro dias intensos em que Alexandre conversou, discutiu e votou em propostas junto com mais de 2 mil trabalhadores de todo o país. Mais do que isso, percebeu que sua luta contra o governo e os patrões era a mesma de outros trabalhadores de categorias e regiões diferentes. "*Antes eu achava que a nossa luta era só nossa, mas aqui estou vendo que ela faz parte de uma luta de toda a classe trabalhadora*", relatou Cleber, também operário da delegação do Comperj.

Nesses dias em Sumaré, as principais lutas que acontecem no país se encontraram. Estiveram presentes, além dos operários do Comperj, metalúrgicos que se mobilizam contra a onda de demissões nas montadoras, professores que travaram ou vêm travando duras greves em vários estados e servidores públicos do Paraná que lutam de forma heroica contra o governo de Beto Richa (PSDB).

O congresso também contou com participação importante de entidades e movimentos ligados ao campo que lutam por reforma agrária e em defesa dos direitos dos assalariados rurais.

MAIS OPERÁRIO E POPULAR: *O congresso foi marcado por uma presença fortemente operária e jovem, de movimentos populares e do campo*

CHAMADO À GREVE GERAL

Com resoluções que preparam a central para o próximo período, como a luta contra as terceirizações, as medidas provisórias de Dilma e o ajuste fiscal, o congresso também aprovou um chamado às centrais e organizações dos trabalhadores para a construção de uma Greve Geral. ■

Raio X

1702 delegados

572 observadores

109 convidados

373 entidades

ATAQUES

Ataques de Dilma e reforma política foram criticados

O debate sobre conjuntura nacional reuniu Zé Maria, presidente nacional do PSTU, Luciana Genro, dirigente do PSOL, e Mauro Iasi, do PCB. A mesa foi marcada por duras críticas ao ajuste fiscal de Dilma, aos cortes no Orçamento e às medidas provisórias.

Também houve muita polêmica sobre a votação da cláusula de barreira aprovada pela Câmara dos Deputados com os votos do PSOL. Luciana Genro tentou justificar esse posicionamento. "*Foi uma piora, mas muito melhor do que queria Renan Calheiros e companhia*", disse. Zé Maria, porém, respondeu que os votos do PSOL eram injustificáveis. "*Bastaria a bancada se abster*", afirmou.

Ao final, o congresso aprovou uma moção contra essa reforma política antidemocrática.

Fotos: Romerito Pontes

Zé Maria (PSTU), Luciana Genro (PSOL) e Mauro Iasi (PCB) debateram a conjuntura nacional no primeiro dia do Congresso

OPRESSÕES

Luta contra as opressões presente no congresso

Logo no início, dava para ver que aquele congresso era diferente. Assim que chegava, o participante recebia um manual dos setoriais da CSP-Conlutas de luta contra as opressões com orientações para educar e impedir manifestações de racismo, machismo e transfobia. A luta contra as opressões esteve presente nos quatro dias do evento.

O ponto alto foi a mesa de debates contra as opressões que envolveu uma ativista trabalhadora da construção civil de Belém e integrante do Movimento Mulheres em Luta (MML), um integrante do Quilombo Urbano do Maranhão e um servidor público e militante LGBTT.

PARTIDO

Apresentação do PSTU reuniu mais de mil pessoas

Ao final do terceiro dia, o PSTU realizou uma atividade de apresentação do partido que reuniu mais de 1.200 pessoas. A vereadora do PSTU em Natal, Amanda Gurgel, o vereador do partido em Belém, Cleber Rabelo, a dirigente Vera Lúcia e Zé Maria falaram aos trabalhadores e os convidaram a conhecer nossa organização.

"Não há nada melhor que possamos fazer desta vida do que doar parte dela pra transformar esse mundo", disse Zé Maria, convidando todos, em especial operários, a construírem o PSTU.

Opinião

Sebastião Carlos "Cacau"
da CSP-Conlutas
cacau.pereira@yahoo.com.br

Um congresso vitorioso

O Congresso da CSP-Conlutas foi bastante vitorioso. Primeiro, porque aprovou resoluções muito positivas para a organização das lutas dos trabalhadores, com uma ampla unidade nas votações da grande maioria dos delegados. O Manifesto do Congresso, aprovado por aclamação, deu o tom da unidade que os trabalhadores precisam para enfrentar os ataques dos patrões e dos governos.

Segundo, porque fortaleceu a alternativa que estamos construindo. Nossa central vem incorporando novos setores que buscam reconstruir uma alternativa de direção classista. Uma alternativa independente dos governos e dos patrões num momento em que a classe trabalhadora sofre muitos ataques, mas também protagoniza muitas lutas.

E, terceiro, o congresso não só expressou o crescimento da central (teve 30% mais entidades que o congresso anterior), mas teve uma composição mais operária e popular, mais jovem do que os anteriores, com grandes delegações de metalúrgicos, da construção civil, petroleiros, dos trabalhadores da educação, dentre outras categorias, além de movimentos populares urbanos e uma importante delegação de trabalhadores rurais.

A presença de uma expressiva delegação internacional emocionou a todos, ao expressar as lutas nos mais diversos cantos do planeta: na Palestina, no Haiti, na Europa, na África e no Oriente Médio.

O congresso demonstrou que existe espaço na realidade para a construção de uma oposição de esquerda ao governo federal, na base dos trabalhadores, que se contraponha à oposição burguesa de direita.

Agora, de volta às regiões, temos muito trabalho pela frente para garantir o cumprimento das resoluções. Mas, mesmo para aqueles que viajaram por quase três dias na ida e outros três na volta, a sensação de dever cumprido nos fortalece para seguir na luta pela afirmação da CSP-Conlutas como alternativa de direção para os trabalhadores.

O QUE SE DISSE

"Somos trabalhadores rurais e temos que nos organizar, mas não conseguimos fazer isso sozinhos. Precisamos de uma central."

Rubens Germano (Rubão)
da Federação dos Empregados Rurais Assalariados do Estado de São Paulo (Feraesp)

"Em outras centrais, o trabalhador rural toda vida foi usado como massa de manobra. A CSP-Conlutas respeita o trabalhador do campo."

Paulo Gico
Secretário Nacional da Confederação dos Agricultores Familiares e Empreendedores Familiares Rurais do Brasil (Conafer)

"Aqui se elabora propostas diferentes sobre temas concretos, e as discussões são trabalhadas e calmas. E também há uma participação alta dos que estão nessas reuniões."

Angel Bosquet
secretário de Relações Internacionais da Central Geral dos Trabalhadores da Espanha

"A luta contra a opressão se faz nas fábricas e nas ruas. A luta do hip hop militante é ombro a ombro com a classe trabalhadora."

Mano Magrão
do Quilombo Urbano

CONGRESSO DA ANEL

Juventude organizada por nenhum direito a menos

3º Congresso da ANEL reúne 1.500 jovens, prepara greve estudantil e a luta contra redução da maioridade penal

VINÍCIUS ZAPAROLI E ISRAEL LUZ, DE SÃO PAULO

"*É uma galera que sabe o que discute, tem capacidade de dialogar com qualquer pessoa, que recrimina todo tipo de opressão. Eu estou me sentindo muito à vontade por estar aqui*". Assim, Twanny Oliveira, estudante da Universidade Federal Rural de Pernambuco, sintetizou sua experiência no 3º Congresso da ANEL.

Durante os quatro dias do feriadão de Corpus Christi, 1.500 jovens se reuniram em Campinas, São Paulo. O fórum contou com a participação de vários coletivos de juventude e comandos de greves estudantis, como da UFRJ, UFF, UNIRIO, UFBA, UNEB e universidades do Paraná.

Ao lado das delegações de norte a sul do Brasil, esteve presente uma delegação internacional com 24 ativistas, representando Argentina, Tunísia, Haiti, Costa Rica, Espanha, Portugal e Chile.

Unidade da juventude com os trabalhadores

Na mesa de abertura do congresso, a intervenção da CSP-Conlutas foi sobre a necessidade de unir a juventude e os trabalhadores na construção de uma greve geral contra o ajuste fiscal e a retirada de direitos sociais e trabalhistas.

Convidados ao debate sobre a situação política nacional, os partidos da esquerda brasileira, PSOL, PCB e PSTU, afirmaram que o governo petista e a oposição de direita têm acordo em fazer a população pobre pagar a conta da crise econômica.

Em nome do PSTU, Zé Maria alertou que o combate ao governo federal não pode estar submetido ao calendário das eleições, porque, se os trabalhadores e a juventude tiverem disposição, a esquerda deve derrotar a presidente Dilma nas ruas.

Foi aprovada, na plenária final, uma resolução declarando: *"não às terceirizações e às MPs 664 e 665, o fim do Fator Previdenciário, abaixo o ajuste fiscal e a política econômica do governo federal, suspensão do pagamento e auditoria da dívida pública"*.

Congresso da ANEL prepara greve estudantil

Os debates no plenário e nos grupos prepararam o movimento estudantil para entrar com força na greve geral da educação. A mesa sobre educação foi composta pelo Andes, Fasubra e Sinasefe, além de representantes das greves dos professores estaduais do Paraná e de São Paulo.

Todas as intervenções denunciaram que a educação é a área social mais atingida pelo ajuste fiscal, que já cortou mais de R$ 9 bilhões da pasta, provocando a crise do Fies e das universidades federais.

No final, a resolução aprovada denunciou que a *"política educacional do governo federal está atrelada ao mercado"*, pois aumentou *"a privatização e a precarização do ensino público"* e provocou *"a maior expansão do ensino pago na história do Brasil"*. ■

RESISTÊNCIA

ANEL lança campanha contra a redução da maioridade penal

As discussões sobre as opressões tiveram grande destaque no 3º Congresso da ANEL. Foram debatidas as diversas formas de expressão do machismo, da LGBTfobia e do racismo na vida da juventude brasileira.

Na mesa sobre opressões, os movimentos MML e Quilombo Raça e Classe explicaram a combinação entre as opressões e a exploração capitalista, a dura realidade das mulheres negras e trabalhadoras terceirizadas.

A resolução de combate ao racismo repudiou o genocídio do povo negro e colocou a tarefa para a entidade *"impulsionar, em todo o país, uma grande campanha em defesa da juventude negra e contra a redução da maioridade penal"*.

A UNE NÃO NOS REPRESENTA

Governismo avança no Congresso da UNE

Enquanto rolava o 3º Congresso da ANEL, acontecia também o 54º Congresso da UNE. No meio da crise do governo Dilma, quando a maioria da juventude começa a romper com o projeto político do PT, as forças governistas cresceram no Conune.

O Campo Popular, composto pelo Levante Popular de Juventude e pequenas organizações petistas, ultrapassou o número de delegados da esquerda e se tornou a segunda maior força da UNE.

Por isso, o 3º Congresso da ANEL reforçou o chamado ao *"conjunto do movimento estudantil, em especial aos coletivos da Oposição de Esquerda da UNE, a romperem com a velha entidade burocrática e governista"*.

Os seis anos de desenvolvimento da ANEL confirmaram que um novo movimento estudantil é possível. O 3º Congresso da ANEL expressou o acerto da construção de uma organização estudantil internacionalista, classista, independente e com democracia de base.

ENCONTRO INTERNACIONAL

Daqui pra frente, uma só luta

"Muitas vozes, uma só luta": o lema da Rede Internacional Sindical de Solidariedade e Luta traduz bem o que ocorreu em seu segundo encontro, realizado em Campinas (SP), de 7 a 9 de junho

Foto: Romerito Pontes

MARCOS MARGARIDO, DE CAMPINAS (SP)

O Encontro Internacional, organizado pela CSP-Conlutas do Brasil, pelo Sindicato Solidaires da França e pela CGT da Espanha, reuniu diversos sindicatos de 25 países da África, Ásia, Europa e Américas. Foram faladas, pelo menos, sete línguas. Mas o objetivo era um só: lutar contra a exploração e a opressão contra os trabalhadores em todo o mundo.

O lema também teve outro significado. O de dar voz àqueles que não têm voz. Aos trabalhadores e trabalhadoras, aos pobres, aos sem-teto, aos negros e negras que foram abandonados pelas grandes centrais sindicais e sindicatos que preferiram se juntar aos governos e aos patrões no ataque aos direitos conquistados a duras penas.

Para cumprir esses objetivos, os trabalhos foram intensos, tanto dos mais de 200 delegados quanto da equipe de apoio, que se desdobrou para garantir as melhores condições de funcionamento.

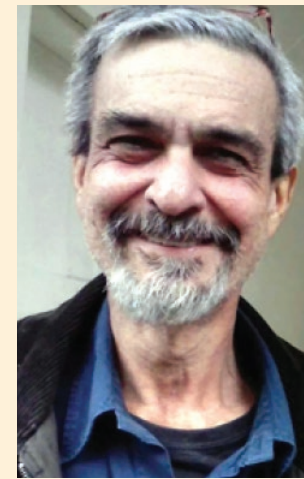
APOIO ÀS LUTAS

Apesar de o encontro reunir uma pequena parcela dos sindicatos existentes pelo mundo, foi uma expressão da combatividade e da luta contra a exploração exercida pelos patrões e pelos governos dos capitalistas.

Um exemplo foi a presença do Sindicato dos Trabalhadores dos Correios da Palestina. Eles lutam contra os desmandos da Autoridade Palestina, o governo da Faixa de Gaza e, também, contra a ocupação israelense da Palestina. A presença da Associação dos Migrantes Haitianos no Brasil, filiada à CSP-Conlutas, também emocionou a todos ao mostrar a existência de fato da solidariedade entre os povos do Haiti e do Brasil contra a ocupação do país caribenho pelo exército brasileiro.

O encontro também mostrou que a unidade de todos os trabalhadores é fundamental para enfrentar os planos que retiram direitos dos trabalhadores. No primeiro dia, foi aprovada por unanimidade uma moção de emergência, apresentada pela delegação da Argentina, em apoio à greve geral que ocorreria no dia seguinte naquele país.

Apesar das grandes distâncias percorridas para chegar ao Brasil, como a delegação do Paraguai que enfrentou uma longa viagem de ônibus, todos voltaram a seus países com a certeza de que todas as vozes presentes vão se transformar numa só luta daqui em diante. ■

HOMENAGEM

O companheiro Dirceu Travesso foi homenageado na abertura do Segundo Encontro da Rede Sindical Internacional de Solidariedade e Lutas. Didi, como era conhecido, faleceu em setembro do ano passado. Foi fundador e, durante seus últimos anos de vida, se dedicou quase integralmente à construção da Rede. Mesmo doente, nunca hesitou em cruzar continentes e oceanos para participar de reuniões e congressos.

LUTA EM COMUM

Encontro aprova declaração

Foram aprovados cinco documentos principais. Uma declaração internacional e quatro resoluções sobre os temas de imigração, criminalização das lutas, autogestão e controle operário e de luta contra a opressão.

A declaração internacional afirma que os patrões e seus governos organizam a pilhagem dos países mais atrasados, seja pelo colonialismo, seja pela ocupação militar. As populações são condenadas à miséria ou a tentar a sorte nos países mais avançados, onde são submetidos à superexploração e à discriminação.

Nos países industrializados, onde existe uma forte crise econômica, como na Europa ou mesmo no Brasil, busca-se atacar as conquistas da classe operária obtidas com muitos anos de luta. Os salários são rebaixados, os empregos são precarizados e terceirizados, os serviços públicos são privatizados e as lutas são criminalizadas.

Mas a reação da classe operária e dos povos contra essa situação não para. Um dos resultados dessa luta é a rejeição aos sindicatos pelegos, às burocracias sindicais e aos partidos, como o PT no Brasil, que passaram a governar para os patrões.

Ao final do encontro, foi aprovada a realização de uma semana de ação internacional em outubro, com greves, manifestações e atos organizados pelos sindicatos da rede.

MULHERES

Luta contra o machismo é internacional

O tema de combate à opressão reuniu mulheres da Argentina, Paraguai, Chile, Brasil, Turquia, França, Portugal, Peru e Colômbia. A discussão mostrou que a realidade em todos os países é a mesma. Os planos de ajustes que atacam direitos dos trabalhadores prejudicam mais fortemente as mulheres trabalhadoras, pobres, negras, indígenas e imigrantes. São elas que sofrem mais com a terceirização e com a privatização dos serviços públicos, mas também com o aumento da violência machista que faz vítimas em todo o mundo.

No encontro, foi aprovado um documento que orienta a luta das mulheres contra a precarização, a terceirização e a flexibilização dos direitos das mulheres e contra a violência sexual, física e psicológica. Também foi aprovada uma moção em defesa da legalização do direito ao aborto.

GOVERNO DILMA

Privatização por terra, ar e água

Governo vai entregar ferrovias, rodovias, portos e aeroportos à iniciativa privada

DIEGO CRUZ, DA REDAÇÃO

Nem bem assumiu seu segundo mandato, a presidente Dilma já começou a fazer tudo ao contrário do que disse durante a campanha eleitoral. Seu pacote de maldades inclui as medidas provisórias que atacam direitos trabalhistas e previdenciários e um bilionário corte no Orçamento que desvia dinheiro da saúde e da educação para os banqueiros.

Enquanto protege os lucros dos bancos e das grandes empresas, a sua política econômica só traz desemprego e inflação para os trabalhadores e para a maioria da população. Não é à toa que, em todos os lugares, ninguém aguenta mais ouvir falar de Dilma. Pra limpar um pouco a sua barra, o governo anunciou, no dia 9 de junho, um plano de investimento em infraestrutura de quase R$ 200 bilhões.

O anúncio foi feito em Brasília, com toda a imprensa reunida e uma penca de ministros, incluindo o ministro do Planejamento, Nelson Barbosa, e o da Fazenda, Joaquim Levy. No fundo, um nome pomposo, "Programa de Investimento em Logística".

A ideia parece boa: investir em obras e modernização de portos, ferrovias, aeroportos e rodovias até 2018. Parece, mas não é. O que o governo está vendendo como um plano de investimento é, na verdade, algo que já conhecemos muito bem. Trata-se da velha privatização.

Isso mesmo. O pacote do governo nada mais é do que um plano para entregar às concessionárias privadas obras e administração de setores chave da nossa infraestrutura. Coisas importantes e lucrativas como estradas e aeroportos. Achou pouco? Pois, além de entregar tudo isso às empresas privadas, o governo vai financiar essas obras de expansão através do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES). Ou seja, é nosso dinheiro que vai financiar obras que serão tocadas pelo setor privado.

E não acabou ainda. Você acha que as obras serão voltadas para a população? Enganou-se. A prioridade em ferrovia, por exemplo, vai ser para escoar a produção de soja. A mesma coisa nos portos. Estuda-se, inclusive, passar setores do importante Porto de Santos à iniciativa privada. Ou seja, vai ajudar os grandes fazendeiros que produzem para exportação. ■

MÃO ABERTA

O modo petista de privatizar

Veja quanto o BNDES vai repassar de financiamento para as empresas que ganharem as concessões

FERROVIAS: 86,4 BI DE REAIS

PORTOS: 37,5 BI DE REAIS

RODOVIAS: 66,1 BI DE REAIS

AEROPORTOS: 8,5 BI DE REAIS

TOTAL 198 BI DE REAIS DO FINANCIAMENTO DO BNDES

SEM DESCULPAS

Copiando Fernando Henrique

Dilma Rousseff anunciou, no dia 9 de junho, pacote de privatizações chamando de Programa de Investimento em Logística (PIL)

Da primeira vez que lançou um pacote desses, em 2012, Dilma tentou dar uma engambelada. Além de dizer que não era privatização, mas concessão, o governo anunciou uma mudança no modelo adotado na época de Fernando Henrique Cardoso (PSDB). O governo fazia um leilão de determinada obra ou serviço, e quem pagasse mais levava. É o chamado modelo de outorga. Uma empresa, ou um conjunto de empresas, tomava conta do setor e pronto.

No modelo petista de concessão, permitiu-se que mais de uma empresa explorasse o mesmo setor. Além disso, ganhava a concessionária que dissesse que cobraria o menor valor pelo serviço, como no caso de rodovias, portos e ferrovias por exemplo. É privatização do mesmo jeito, mas com uma leve disfarçada.

Pois agora nem isso vai ter mais. À exceção das rodovias, por enquanto, quem der mais leva e fim de papo. Mas não tem problema, já que a grana vai vir do BNDES, ou seja, dos nossos bolsos.

TEM PARA TODO MUNDO

Aeroportos na mira

Depois de entregar o aeroporto de Guarulhos (SP) e o de Confins, em Belo Horizonte, à iniciativa privada, o governo planeja vender, ainda no primeiro trimestre de 2016, os aeroportos de Porto Alegre, Salvador, Florianópolis e Fortaleza.

É DANDO QUE SE RECEBE

Concessão é uma ova

Todo mundo sabe que privatização é uma coisa ruim. Não foi por menos que, nas duas vezes que foi eleita, Dilma disse que, se o PSDB ganhasse, privatizaria as estatais. Por isso, desde o governo Lula, o PT não chama privatização de privatização. Chama de concessão, uma palavrinha mais bonita que quer dizer a mesma coisa.

Isso significa que, enquanto ataca direitos e corta dinheiro da saúde e da educação para dar aos banqueiros, Dilma vai entregar setores estratégicos para a iniciativa privada. É um esquema em que ganham as empresas e o setor agroexportador, que vai poder escoar melhor sua produção pra fora.

> Enquanto ataca direitos e corta dinheiro da saúde e da educação para dar aos banqueiros, Dilma vai entregar setores estratégicos para a iniciativa privada

E mais. Ganha também o PT e os partidos corruptos do Congresso Nacional, que terão mais dezenas de contratos pra superfaturar em troca de financiamento para suas campanhas eleitorais. Nem precisa dizer quem sai perdendo.

CAMPANHA NACIONAL

Não deixe que calem o PSTU, PCB, PCO e PPL

Participe da campanha contra a reforma política antidemocrática que impede PSTU, PCB, PCO e PPL de aparecerem na televisão e permite o financiamento por empresas nas campanha eleitorais

MARIÚCHA FONTANA,
DA REDAÇÃO

No dia 6 de julho, haverá uma audiência pública no Senado sobre Reforma Política, com a presença na mesa do PSTU, PCB, PCO e PPL.

A audiência foi convocada pelo Senador Paulo Paim (PT-RS), a pedido do PSTU, para debater a proposta de cláusula de barreira que retira desses partidos o direito de aparecer na televisão nas campanhas eleitorais, entre outros pontos da Reforma Política antidemocrática votada na Câmara.

Cyro Garcia (PSTU-RJ), Ernesto Gradella (PSTU-SP), ambos ex-deputados federais, e Toninho Ferreira, de São José dos Campos e suplente de deputado federal, estiveram em Brasília no 9 de junho. Na ocasião, conversaram com diversos senadores e deputados, buscando articular uma campanha contra esse ataque às liberdades democráticas.

O Congresso da CSP-Conlutas também aprovou uma moção em favor de uma campanha contra o ataque aos quatro partidos (veja abaixo). O Congresso da Assembleia Nacional dos Estudantes Livres (ANEL) também aprovou resolução neste mesmo sentido.

"Moções com este mesmo conteúdo serão propostas nas assembleias de base e demais instâncias das organizações operárias, populares, estudantis, às entidades democráticas, a parlamentares federais, estaduais e municipais nas diversas regiões deste país, e posteriormente enviadas à Câmara e ao Senado", afirmou Zé Maria, candidato a presidente da República pelo PSTU nas últimas eleições.

Laycer Tomaz / Câmara dos Deputados

Eduardo Cunha conduz sessão da Câmara para votação da reforma política

MOÇÃO DA CSP-CONLUTAS

Um duro ataque às liberdades democráticas

A Reforma Política votada em primeiro turno na Câmara dos Deputados torna ainda pior o sistema eleitoral brasileiro. Tal votação significa um duro ataque às liberdades democráticas ao restringir a liberdade partidária duramente conquistada com a derrubada da ditadura militar e atingir justamente partidos vinculados à classe trabalhadora e à esquerda. Querem calar tais partidos.

Fazemos um chamado a todos os sindicatos, organizações populares, entidades democráticas e partidos políticos que defendem as liberdades e a democracia a se posicionarem pelo fim do financiamento empresarial de campanha e contra qualquer cláusula de barreira que restrinja a liberdade partidária no Brasil.

Exigimos legalidade plena para PSTU, PCB, PCO e PPL e nos somamos a uma campanha em defesa desse direito democrático para estes partidos.

ERROU FEIO

Vereador do PSOL vota a favor de privilégios

Dr. Chiquinho, do PSOL, fez até discurso contra projeto do PSTU de reduzir os altos salários de políticos em Belém

WILL MOTA,
DE BELÉM (PA)

A Câmara de vereadores de Belém rejeitou o projeto apresentado pelo vereador do PSTU, Cleber Rabelo, de redução dos salários dos políticos.

Entre os parlamentares que se posicionaram contra o projeto esteve, lamentavelmente, o vereador Dr. Chiquinho, do PSOL. A posição de Dr. Chiquinho divergiu inclusive da posição declarada dos outros dois vereadores do PSOL da cidade, Fernando Carneiro e Marinor Brito, que se manifestaram favoráveis ao projeto.

Isso seria esperado dos parlamentares da direita tradicional (PSDB, PMDB, DEM etc.) e também de partidos que, no passado, foram de esquerda, como PT e PCdoB, o que de fato ocorreu.

Todos os vereadores da direita e da base de apoio do governo Dilma se posicionaram contrários ao projeto do PSTU.

O vereador do PSOL cobrou de Cleber uma suposta coerência, ao afirmar: *"se o vereador* [Cleber] *quer reduzir salário, que então reduza o seu"*, disse em meio a aplausos dos vereadores.

Essa postura não tem nada a ver com o que defendem historicamente os partidos de esquerda ligados à classe trabalhadora. A esquerda sempre enfrentou o funcionamento deste sistema político que não representa os interesses dos trabalhadores e sim dos patrões e dos privilégios dos políticos.

As posições desse vereador do PSOL demonstra algo muito grave: um partido que não controla seus parlamentares e figuras públicas e admite como militante indivíduos que não defendem o programa do partido votado por sua militância não serve para travar a luta consequente contra os patrões e os governos. Já vimos esse filme com o PT e já sabemos como termina: em traição aos interesses da classe trabalhadora.

NACIONAL

Por que a redução nã

Até o final de junho, o presidente da Câmara dos Deputados, Eduardo Cunha (PMDB-RJ), promete colocar
de 18 para 16 anos. O tema divide o país, e sua aprovação pode trazer consequências muito sérias para o B

RAÍZA ROCHA E ISRAEL LUZ, DE SÃO PAULO

Alexsandro tinha 20 anos. Morava com a esposa e sua enteada num bairro periférico de Salvador, Bahia. Ele ajudava sua mãe. Trabalhava como entregador de pizza no bairro Cosme de Farias. E ainda trabalhava na barraquinha de cachorro quente do avô. Um rapaz negro, franzino e diabético. Alexsandro foi assassinado por policiais no seu bairro. Teve as pernas quebradas e levou cinco tiros.

Além da dor de perder o seu filho, Carla ainda tem de conviver com as mentirosas acusações dos policiais de que seu filho seria traficante e teria entrado em confronto com a polícia. *"Hoje foi o Alexsandro, um inocente. Amanhã pode ser o filho de algum de nós. Até quando? Não é porque somos da periferia que somos bandidos. Queremos respeito"*, disse Marcos Oliveira, 29, amigo de Alexsandro.

Essa é a verdadeira realidade dos nossos jovens negros da periferia. Para se ter uma ideia, entre 2006 e 2012, pelo menos 33 mil adolescentes entre 12 e 18 anos foram assassinados no Brasil (veja o gráfico). O racismo resulta na perversa estatística de que negros tem 2,5 mais chances de serem mortos do que brancos no país. Uma verdadeira pena de morte informal para os jovens negros da periferia, julgados de antemão pela polícia como bandidos apenas por serem negros e pobres.

E o que isso tem a ver com a redução da maioridade penal?

O DEBATE NO CONGRESSO

A proposta de mudança na Constituição sobre o tema da maioridade penal foi feita no começo da década 1990 pelo então deputado Benedito Domingos (PP-DF), condenado por envolvimento em corrupção. No fim de março, a proposta foi aprovada pela Comissão de Constituição e Justiça (CCJ) da Câmara. Para virar lei, o projeto precisa agora passar por duas votações na Câmara, duas no Senado e pela sanção da presidência.

A PEC é apoiada pelo PMDB, DEM, parte do PSDB e outros partidos da direita tradicional como a grande solução para o real problema da violência no país. Para Eduardo Cunha, *"aquele que pode votar aos 16 anos também tem de ter obrigação"* e deveria ser punido como adulto.

As redes de televisão têm feito uma grande campanha pela redução. Basta reparar que as reportagens sobre crimes cometidos ou com participação de menores vêm ganhando destaque nos programas, como no caso das meninas assassinadas no Piauí e do médico assassinado a facadas no Rio de Janeiro.

Dilma e o PT têm se colocado contrários à redução. No entanto, como anunciou o ministro da Justiça José Eduardo Cardozo, o governo apoia a proposta de José Serra (PSDB) que é tão ruim quanto: aumentar o tempo de internação dos menores de idade de três para dez anos, sendo que a política dos governos é fazer de locais como a Fundação Casa (antiga Febem) algo muito parecido com prisões comuns.

Verdades e me
redução da ma

Vai diminuir a violência

A redução foi aplicada em várias p
não diminuiu a violência. Nos EUA,
os adolescentes voltaram a cometer
violentos.

No Brasil, como sabemos, as pris
qualquer papel socioeducativo. Pelo c
manas. O nível de reincidência, ou seja
que voltam a cometer crimes é de 70%
tema socioeducativo está abaixo de 20
de ter sido presidiário, sem a garantia
ca ou educação profissional, o que u
16 anos pode esperar quando sair da

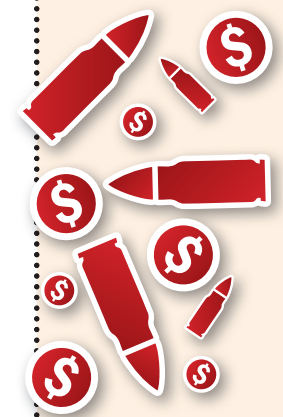
No Brasil,

Essa é uma ide
so país prende mu
carcerária do mu
ruptos que vão pa
sidiários são hom
A lei vale para os
para gente como
2014, atropelou e
ouviu Eduardo C
para Thor Batista

Os menores estão barb

Não são os menores de 18 anos os
sáveis pelos crimes violentos no país
21 milhões de adolescentes, apenas 0,0
contra a vida. Vale destacar que o ado
lizado não surge ao acaso. Ele é frut
injustiça social que o exclui de dire
como saúde, educação, moradia e laze
esses direitos não é a principal preoc

A quem in

Interesses ime
jogo. Muitos dep
empresas de segu
privados pression
redução da maior
transformar os pr
do concessionário
a não entrada de
fendeu o deputad
empresas, não in
ou não para dim
com a criminalid

RACISMO

Genocídio da juventude negra e redução da maioridade penal

Até a Organização das Nações Unidas (ONU) diz que a redução da maioridade penal não resolverá o problema da violência no Brasil. Pelo contrário, poderá agravar ainda mais.

Diferentemente do que dizem a televisão, o rádio e o Congresso, os jovens não são os principais responsáveis pela violência no país. Dos 21 milhões de adolescentes que vivem no Brasil, apenas 0,013% cometeu atos contra a vida.

Os adolescentes são muito mais vítimas do que autores de violência. Os números comprovam que os jovens, especialmente negros e pobres, estão sendo assassinados de forma sistemática no país. Essa situação coloca o Brasil em segundo lugar no mundo em número absoluto de homicídios de adolescentes, atrás apenas da Nigéria na África.

A ação racista do Estado é que impõe essa pena de morte informal nas periferias das grandes cidades. Para a polícia, todo negro é bandido. E num país onde a polícia mata mais que a guerra no Iraque, reduzir a maioridade penal é dar carta branca para a PM continuar matando os nossos jovens.

O que a televisão e o Congresso não dizem é que os nossos jovens negros da periferia são duplamente vítimas do Estado. O mesmo Estado que lhe nega o acesso à educação, ao lazer e à saúde é o que aperta o gatilho e que quer colocar, cada vez mais cedo, nossos jovens atrás das grades. A redução da maioridade penal estará a serviço desse sistema de segurança público racista e genocida.

Marcha de Periferia em São Paulo (SP) pede a desmilitarizaçnao da PM.

...o é a solução

...em votação a Proposta de Emenda Constitucional 171/1993 que reduz a maioridade penal ...rasil

...entiras sobre a ...ioridade penal

...a?

...partes do mundo e ...o resultado foi que ...crimes ainda mais

...sões não cumprem ...contrário, são desu...a, de ex-presidiários ...%, enquanto no sis...0%. Com o estigma ...de educação públi...m jovem preso aos ...prisão?

...bandido não vai preso?

...eia muito comum, mas na verdade nos...uito. Temos a quarta maior população ...ndo. Só que não são os políticos cor...ara a cadeia. Mais da metade dos pre...ens jovens. Mais de 60% são negros. ...s filhos dos pobres e negros, mas não ...o filho do ricaço Eike Batista que, em ...matou um jovem trabalhador. Alguém ...unha defender punição mais rigorosa ...? Pois é...

...arizando?

...principais respon.... Ao contrário: dos ...013% cometeu atos ...olescente margina...o de um estado de ...itos fundamentais ...er. Por que garantir ...upação do Estado?

...nteressa a redução?

...ediatos da bancada da bala estão em ...utados financiados nas eleições por ...rança e administradoras de presídios ...am os parlamentares para votarem a ...idade penal. *"Existe a possibilidade de ...esídios em empresas em que você cobra ...a ressocialização do preso, a não fuga, ...celulares. Aquilo tem de dar lucro"*, de...o Felipe Maia (DEM-RN). Para essas ...teressa se a política de redução serve ...inuir a violência. Elas querem lucrar ...ade.

A SITUAÇÃO NO BRASIL HOJE

33MIL
Adolescentes entre 12 e 16 foram assassinados no brasil de 2006 a 2012

14,1%
Foi o aumento de vítimas negras

23%
Foi a queda registrada entre vítimas brancas

0,013%
Apenas isso, dos 21 milhões de adolescentes que vivem no Brasil, cometeu atos contra a vida

Fontes: Mapa da Violência 2015 e Ministério da Justiça

SAIBA MAIS

Como a lei é hoje?

Hoje, a lei brasileira já prevê punição criminal a partir dos 12 anos. Segundo o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), são tomadas medidas socioeducativas, e a privação de liberdade é utilizada em casos extremos. Somente a partir dos 18 anos é que alguém que comete um crime é julgado e punido como adulto.

Em lugares como Nova Iorque, Espanha e Alemanha, a maioridade penal foi reduzida de 18 para 16 anos e foi constatado que os índices de criminalidade não caíram por conta disso. Nos 54 países que reduziram a maioridade penal, não se registrou redução da violência. A Espanha e a Alemanha, por exemplo, já voltaram à idade penal dos 18.

ENTENDA

Capitalismo e violência

A verdade é que a violência no Brasil é fruto de uma sociedade onde existe fome, miséria e precariedade das condições de vida. O aumento da violência está relacionado à crise econômica e social. Uma sociedade onde milhares de excluídos são jogados no desemprego, não tem a menor capacidade de acabar com a criminalidade. O pior é que a violência tende a aumentar ainda mais com os ajustes do governo Dilma, como o corte de R$ 70 bilhões das verbas que atingem saúde, educação e outras áreas sociais, além do ataque ao PIS, ao seguro-desemprego e à pensão por morte.

Para acabar com a criminalidade, é preciso investir dinheiro na construção de escolas, creches, hospitais e criação empregos. Para isso, é preciso parar com o pagamento da dívida pública que consome metade do orçamento do país.

A polícia precisa ser desmilitarizada e deve ter uma estrutura interna democrática: eleição dos superiores, direito à sindicalização e à realização de greves. Delegados, promotores e juízes devem ser eleitos pela comunidade.

É fundamental combater o racismo e acabar com a impunidade de PMs assassinos e políticos racistas e homofóbicos. O capitalismo já mostrou que não é capaz de acabar com a violência. Só terá um fim definitivo após uma profunda transformação social, onde exista uma sociedade socialista sem explorados e exploradores, sem ricos e pobres.

DEMISSÕES

A coisa tá feia

Trabalhadores da indústria enfrentam demissões em todo o país. Confira abaixo como os trabalhadores estão resistindo aos ataques dos patrões. Saiba também como é possível impedir que os trabalhadores percam seus empregos

METALÚRGICOS

O ABC da resistência

Mercedes-Benz demite 500 trabalhadores e anuncia férias coletivas de 20 dias. Trabalhadores resistem e acampam em via pública. Confira reportagem.

CAROL COLTRO, DE SÃO BERNARDO DO CAMPO (SP)

Cerca de 300 demitidos acamparam e se revezam em frente à Mercedes numa avenida central de São Bernardo do campo (SP). *"Estamos bem unidos, mas a estratégia da empresa é impedir que o pessoal lá dentro se mobilize, deu até férias pro pessoal"*, explica Clóvis, um dos demitidos.

Maria, que trabalha na Mercedes há 15 anos, diz que ficou um ano de *lay-off* e que, antes de terminar o prazo que havia sido prorrogado após a greve de abril, a empresa já mandou o telegrama demitindo. *"O prazo era dia 25, mas dia 15 ela já falou para o sindicato que não queria mais saber da gente"*, relata. A trabalhadora deposita sua confiança na luta. *"O governo não está fazendo nada e o Brasil está ficando cada vez mais parado. Sem luta, a gente não consegue nada"*, diz.

A crise no país tem deixado os trabalhadores preocupados e mais decididos a lutar contra as demissões. *"Com a situação do país fica mais difícil sair daqui e arrumar outro emprego. Nesses nove dias de acampamento, estamos tendo muitos apoios de outros sindicatos, até de fora do país. Aí fica mais forte"*, explica Sergio, na Mercedes há 14 anos.

Outros trabalhadores em *lay-off*, de outras montadoras também participam do acampamento. Marcos, trabalhador da Ford, diz que é importante apoiar, pois já viveu momentos assim na empresa que trabalha. *"Nossos empregos também estão ameaçados, estamos em* lay-off*, mas a demissão não está descartada, por conta da queda na produção. Por isso, essa luta é de todos"*, explica.

"Estamos com muita fé que nossa luta vai ser vitoriosa e que todos vão voltar. O nosso desejo é continuar tendo carteira assinada. A Mercedes tem condições de manter nossos empregos e não pode nos descartar assim. Não vamos desistir", explica Clarisse, que trabalha há 12 anos na Mercedes.

ENTENDA

700 demissões por dia

A ameaça aos empregos e aos direitos dos trabalhadores aumenta no ABC paulista junto com a resistência dos trabalhadores. Só em abril, foram fechados 23 mil postos de trabalho, cerca de 700 demissões por dia em todos os setores. Hoje, existem 35 mil trabalhadores afastados via *lay-off* ou férias coletivas que não sabem se poderão retornar ao trabalho.

Mas esse não é um problema só dos metalúrgicos. Nas sete cidades da região, é possível ver a paralisação das obras de infraestrutura, o desmonte e privatização nos serviços públicos, como a privatização da saúde de Diadema. Numa região onde a economia gira em torno das montadoras, a luta pelos empregos é uma luta de todos. Desde janeiro, com a greve da Volks que reverteu cerca de 800 demissões, os trabalhadores vêm mostrando que não estão dispostos a pagar por essa crise.

Coluna

Rodinei Bispo
de São Paulo
rodineibispo@gmail.com

Mesmo com o bolso cheio, montadoras demitem

De maio de 2014 até agora, foram fechados 10 mil empregos, sem contar o impacto nas autopeças, no setor de serviços e de comércio. As montadoras receberam rios de dinheiro das mãos do governo na forma de incentivos fiscais e empréstimos do BNDES e mandaram tudo para suas matrizes. Nos últimos cinco anos, foram cerca de R$ 48,6 bilhões em remessas de lucro para fora do país. Com essa grana, era possível manter mais de 60 mil empregos durante dez anos.

Fontes :Anfavea, Valor Econômico, Automotive Business, Diário do Grande ABC, G1

Reduzir salários não garante empregos

Infelizmente, o Sindicato dos Metalúrgicos do ABC, filiado à CUT, apesar de estar organizando várias greves e mobilizações contra as demissões, as quais apoiamos e participamos, propõe ao governo um Programa de Proteção ao Emprego (PPE). Os trabalhadores teriam seus salários reduzidos em 15%. O governo dividiria o restante do salário com as empresas. Com essa proposta, só os trabalhadores perdem.

Por que os trabalhadores têm de ficar no vermelho para que as contas das empresas fechem no azul? Não pode ser que os trabalhadores paguem pela crise. A Mercedes, por exemplo, está investindo em outras plantas e comprando novas marcas. Segue lucrando à custa das demissões.

Além disso, reduzir salários não garante que parem de demitir. Os trabalhadores dessas empresas sabem que foram feitos acordos de redução de direitos prometendo garantir empregos. Mas as empresas romperam esses acordos e demitiram. Foi o caso da Volks, GM e, agora, da própria Mercedes no ABC.

MINAS GERAIS

Trabalhadores enfrentam demissões em massa

GERALDO BATATA, DE CONTAGEM (MG)

Uma onda de demissões varre todos os setores da indústria mineira, principalmente, na indústria metalúrgica. Segundo a Federação Patronal da Indústria de Minas Gerais (FIEMG), cerca de 63 mil operários perderam o emprego em 2015 no estado.

"A apreensão é geral. Em todos os setores vimos uma redução drástica no nível de emprego, fechamento de empresas, ataques aos direitos. Essa crise é maior que 2009. Por outro lado, nem governo, nem empresas se interessam pelo trabalhador", diz Jordano Carvalho, coordenador político da Federação Democrática dos Metalúrgicos de Minas Gerais.

DEMISSÃO GERAL

Os primeiros setores que entraram em crise em Minas foram de produção de alumínio e ferroligas, eletrointensivos, que usam muita energia na produção. Dos 8 mil empregos diretos que o setor tinha em 2012, cerca de 4 mil foram perdidos. Calcula-se que outros 20 mil postos de trabalho indiretos também foram fechados. *"As cidades do Norte de Minas podem virar cidades fantasma"*, explica Aldiério Florêncio, metalúrgico de Pirapora (MG) e da Federação Democrática.

Ainda no setor siderúrgico, o setor de ferrogusa, voltado principalmente para exportações, está praticamente parado. Em Itaúna (MG), todas as empresas estão paralisadas. Em Divinópolis (MG), metade dos fornos foram fechados.

Em Jeceaba (MG), a Vallourec Sumitomo (VSB) paralisou as atividades por conta da crise provocada pela corrupção na Petrobras. Cerca de 1.200 trabalhadores diretos foram afetados. No setor de fundição, 40% dos postos de trabalho foram fechados. Segundo Anderson Wilian dos Santos, do Sindicato dos Metalúrgicos de Divinópolis, sete empresas fecharam as portas desde o início de 2014, com a perda de 1.800 postos de trabalho.

Na mineração, também há demissões com a queda dos preços do minério de ferro. Os terceirizados são os primeiros da fila. Para rebaixar salários, os empregados diretos também estão sendo demitidos.

No setor de bens de capital, empresas como Usiminas Mecânica, em Ipatinga, demitiram cerca de 800 trabalhadores desde 2014. Nos últimos três anos, foram mais de dois mil postos de trabalho perdidos. A Metal-Vale, em Belo Horizonte, que chegou a ter 250 operários, fechou as portas e não pagou os trabalhadores. A Isomonte, em Contagem, que produz máquinas para mineração, demitiu 60% dos funcionários.

Em Minas, a produção de automóveis caiu 20,14%. Para manter sua taxa de lucro, a FIAT e as autopeças promovem uma reestruturação produtiva, ajustando o nível de emprego e promovendo ataques aos direitos. O temor é geral. As empresas começam a demitir em massa. A Iochpe-Maxion demitiu 400 metalúrgicos de 2014 pra cá. A Stola demitiu 300. Várias empresas menores estão fechando as portas com milhares de demissões. Boa parte acontece em empresas terceirizadas em que a precarização é muito grande e a rotatividade é alta.

Mina de manganês em Conselheiro Lafaiete (MG)

Opinião

Luiz Carlos Prates (Mancha)
de S. José dos Campos (SP)
mancha@sindmetalsjc.org.br

Como parar as demissões?

Greve Geral contra o ajuste fiscal do governo Dilma e o desemprego

Está claro que este governo não fará nada para nos beneficiar nem para forçar os ricos a pagarem pela crise. CUT, Força Sindical e Sindicato dos Metalúrgicos do ABC não podem continuar apoiando o governo Dilma (PT) que defende os patrões e os banqueiros. Só com uma luta unificada, independente de governos e patrões, é possível termos as mãos livres para lutarmos contra o ajuste fiscal e contra as demissões.

Por quais medidas devemos lutar?

1 - Estabilidade no emprego

As medidas provisórias 664 e 665 editadas por Dilma reduziram o seguro-desemprego, a pensão por morte, o abono do PIS e o auxílio-doença. Mas nenhuma Medida Provisória foi feita para que as multinacionais paguem pela crise que criaram. Com uma canetada, Dilma poderia editar uma MP para garantir estabilidade no emprego e acabar com a farra das montadoras. Mas ela já escolheu um lado: o das empresas. Por isso, só com a luta unificada e independente vamos conseguir a estabilidade no emprego.

2 - Redução da jornada sem redução de salário

Com essa medida, mesmo com a queda na produção e nas vendas, seria possível manter os empregos de todos. Os salários atuais já não estão pagando as nossas contas. Todo trabalhador que vai ao mercado sabe a quantas anda a inflação. Imaginem se reduzir ainda mais os salários?!

3- Suspensão das remessas de lucros para o exterior

As empresas lucraram com o dinheiro do BNDES, isenções fiscais e outros incentivos do governo. E mandam tudo pra suas matrizes lá fora. Por mais que essas medidas pareçam radicais, não há nada mais radical do que milhares de trabalhadores perdendo sua única forma de sobrevivência que é o trabalho.

ILUSÃO

O PT e a farsa da soberania sem ruptura com o imperialismo

No primeiro encontro com Bush, Lula disse que teve uma excelente impressão e falou que o então presidente norte-americano seria "um importante aliado nessa nova e decisiva etapa que se inaugura para a nação brasileira"

Durante seus quatro governos, o PT semeou ilusões de que o Brasil pode chegar a ser um país desenvolvido, soberano e independente sem romper com o imperialismo e seus organismos e tratados. Ao contrário, procuraria alcançar este objetivo em boas relações e com o consentimento dos Estados Unidos.

Essa estratégia, denominada "inserção soberana na globalização", pregava a possibilidade do desenvolvimento autônomo do país para sair da sua condição de nação atrasada e dependente e chegar a ser um país capitalista plenamente desenvolvido. Esse processo se daria em harmonia dentro do sistema capitalista mundial controlado pelas grandes potências.

Indo mais longe, o PT propagou o objetivo de transformar o Brasil também numa grande potência capitalista. Para isso, os governos do PT procuraram, no terreno econômico, fortalecer grandes empresas nacionais apoiando sua expansão internacional por meio do BNDES. O partido colocou como objetivo conseguir para o Brasil um assento permanente no Conselho de Segurança da ONU e colocar-se à frente de um processo de integração latino-americana. E, no terreno militar, buscou fortalecer as Forças Armadas brasileiras, com o desenvolvimento de submarinos nucleares, o projeto do caça Saab Gripen e o reequipamento do Exército.

Hoje em dia, é evidente que essa política fracassou. A crise econômica mostrou que o Brasil nunca deixou de ser um país subalterno e dependente do imperialismo. O problema é que a inserção na globalização significava, desde o princípio, uma política de submissão ao imperialismo em que a soberania ficava limitada aos discursos.

> A crise econômica mostrou que o Brasil nunca deixou de ser um país subalterno e dependente do imperialismo

BEM COMPORTADO

"Carta aos Brasileiros": um compromisso com os banqueiros internacionais

Antes mesmo de ser eleito, Lula fez questão de deixar clara sua obediência às regras do capitalismo imperialista mundial. Durante a campanha eleitoral de 2002, publicou a chamada "Carta aos Brasileiros" na qual se comprometia a "respeitar todos os contratos" firmados pelo Brasil.

Em outras palavras, isso queria dizer respeitar o pagamento da dívida pública, interna e externa, cujos credores principais são os grandes bancos e investidores internacionais. Para honrar o compromisso com o capital financeiro internacional, os governos do PT tiveram de manter a taxa de juros mais alta do mundo, condição de atração de novos empréstimos para pagar juros dos empréstimos anteriores.

O pagamento da dívida teve como consequências a redução da capacidade do Estado de investir na infraestrutura do país (ferrovias, estradas, portos, aeroportos); a falta de recursos para um projeto abrangente de moradia popular; a falta de investimentos nos serviços públicos como saúde, educação e transporte etc.

Hoje, com crise, o governo Dilma prioriza o ajuste fiscal das contas do governo para conseguir pagar a dívida pública aos banqueiros internacionais e nacionais.

> O pagamento da dívida teve como consequências a redução da capacidade do Estado de investir na infraestrutura, moradia e serviços públicos do país

ENTENDA

O que fez o PT

Política econômica neoliberal

Ao contrário de sua propaganda, os governos do PT não se opuseram à política econômica neoliberal que o imperialismo impõe ao mundo inteiro, mas a aplicaram religiosamente.

A submissão começou por aceitar o papel imposto pelo imperialismo do Brasil ser essencialmente uma economia exportadora de matérias primas como minério de ferro, soja, café e carne. São as chamadas *commodities*. Este lugar subalterno na economia mundial e a dependência de matérias primas, produtos que têm pouco valor agregado, tornam as economias dos países dependentes especialmente vulneráveis às oscilações de preços do mercado mundial.

O PT aceitou esse papel subordinado do país, procurando apenas tirar proveito da conjuntura de altos preços das matérias primas. Essa política agravou a crise da indústria brasileira, dominada pelo capital multinacional e voltada essencialmente para atender o mercado interno que perdia competitividade diante de produtos importados da China e de outros países onde a taxa de exploração dos trabalhadores é ainda maior que no Brasil. Resultado: uma indústria mais fraca e um país mais dependente da tecnologia dos países imperialistas.

Privatizações do PT

Nas campanhas eleitorais, Lula e Dilma tiveram como um dos principais eixos o ataque às políticas de privatização do PSDB. O PT alertava que os candidatos daquele partido tinham propostas de privatizar as estatais que ainda restavam. A denúncia sobre as intenções do PSDB certamente era correta. No entanto, depois de eleitos, Lula e Dilma adotaram a mesma política privatista.

Para começar, o PT não desfez nenhuma das privatizações dos tucanos. Permitiu que se mantivesse o monopólio privado das empresas multinacionais como Vivo, TIM e Claro, que compraram por preço de banana as estatais do setor de telecomunicações.

Estatais privatizadas, como a Vale e a Embraer, continuaram em mãos de capitalistas privados. As ações da Petrobras e do Banco do Brasil continuaram a ser negociadas na Bolsa de Valores. A Petrobras também negocia suas ações na Bolsa de Nova Iorque, expondo a maior empresa do Brasil às pressões e às leis dos investidores imperialistas.

A outra cara da moeda foi o incrível desenvolvimento de um programa petista de privatizações. Lula e Dilma deram um impulso enorme às privatizações de aeroportos, estradas, ferrovias e portos sob a denominação envergonhada de concessões. O ponto mais alto desse programa de foi o leilão do campo Libra, uma das maiores reservas do pré-sal, para as empresas petrolíferas multinacionais.

Agente dos Estados Unidos

Coerente com sua estratégia e longe de romper com o imperialismo, os governos do PT trataram de manter excelentes relações com os EUA. Ainda em dezembro de 2002, depois de eleito e antes de tomar posse, Lula foi recebido pelo presidente George W. Bush e declarou: *"Eu queria passar para o Bush a mensagem de que nós queríamos ter uma relação estratégica com os Estados Unidos. Nós não somos anti-imperialistas, apenas queremos respeito"*.

Lula saiu satisfeito do encontro com Bush: *"Tive uma excelente impressão. Volto ao Brasil convencido de que terei no presidente Bush um importante aliado nessa nova e decisiva etapa que se inaugura para a nação brasileira"*.

A relação de Lula com Obama continuou nos mesmos termos. Obama chegou a elogiar Lula como o político de maior prestígio no mundo. Se houve, durante um breve tempo, um atrito entre governo Dilma e EUA por causa da espionagem feita pelo governo Obama, esta já foi contornada, como mostra a próxima visita de Dilma a Washington.

Coerente com esta estratégia geral, os governos do PT continuaram participando das instituições do imperialismo, como o Fundo Monetário Internacional (FMI), a Organização Mundial do Comércio (OMC) ou a Organização dos Estados Americanos (OEA). Mais do que isso, Lula buscou um melhor posto no FMI e chegou a adiantar o pagamento da dívida que o Brasil tinha com essa organização.

Na verdade, o papel que o PT sempre aspirou para o Brasil foi o de um representante qualificado da política dos EUA. Isso significa cumprir o papel de uma submetrópole, ou seja, uma potência regional subordinada à potência principal, que cumpriria o papel que os Estados Unidos já não podem cumprir devido ao repúdio à sua política. Ou seja, o papel de líder dentro de sua região. No caso, a América Latina.

Isso ficou mais claro na participação do Brasil ao liderar a ocupação da ONU no Haiti. O Brasil chefia o contingente das Nações Unidas, exercendo o papel de repressor das manifestações da população. Ao aceitar o papel sujo que os EUA não querem e não podem desempenhar, o governo do PT se torna responsável pelas denúncias de repressão, estupros e prostituição que pesam sobre a força de opressão do povo haitiano.

ENFRENTAMENTO

Não existe soberania sem ruptura

O PT propagou o objetivo de transformar o Brasil também numa grande potência capitalista, mas aceitou o papel imposto pelos EUA de fazer com que o Brasil fosse uma economia exportadora de matérias primas como minério de ferro, soja, café e carne

Evidentemente, esta postura subordinada não tem nada de soberana. No entanto, até mesmo o pequeno papel de coadjuvante pretendido pelo PT não prosperou. A falência dessa estratégia se deve ao fato de que a crise da economia capitalista obriga o imperialismo a aumentar a exploração e a sujeição dos países dependentes.

Os países chamados emergentes, organizados hoje nos BRICs (Brasil, Rússia, Índia e China), não questionam esta ordem mundial. O banco internacional fundado por eles se propõe a ser uma instituição complementar ao sistema baseado no FMI e no Banco Mundial. A própria China, o mais importante país dos BRICs, afirma abertamente que segue o sistema mundial encabeçado pelos EUA.

O Brasil, como qualquer país dependente e subalterno numa economia capitalista imperialista, não pode ser soberano, nem crescer até chegar a ser um país desenvolvido, sem romper os pactos econômicos e políticos que o submetem ao imperialismo.

O fim da exploração que suga as riquezas de nosso país exige a ruptura com FMI, Banco Mundial, OMC; com os pactos políticos e militares com os EUA; o não pagamento das dívidas externa e interna aos grandes capitalistas e a expropriação das empresas imperialistas.

No governo, o PT se recusou a tomar essas medidas corajosas e nunca tentou sequer resistir à opressão imperialista. Com isso, demonstrou claramente sua incapacidade para lutar pela independência nacional do país. Esta tarefa recairá sobre a classe trabalhadora, mas para isso será necessário construir outro partido que a conduza neste caminho.

SAIBA MAIS

Imperialismo

O imperialismo é a fase atual do capitalismo na qual predomina o domínio do capital financeiro a partir da fusão do capital bancário com o industrial. No capitalismo atual, a produção é tão grande e gigantesca que a livre concorrência foi substituída pelo monopólio. Isso significa que há uma tendência ao desaparecimento das pequenas empresas, que são cada vez mais substituídas por grandes empresas e multinacionais como Carrefour, GM, Extra ou Pão de Açúcar.

Quando a fome de lucros aumenta, os monopólios buscam a única solução viável para seus problemas: a conquista do mercado mundial. É a partir daí que as grandes potências, como EUA, Alemanha, França, Japão etc., dividem o mundo entre si pra controlar um determinado mercado nacional de um país.

GREVE GERAL

Argentina: parou tudo

Trabalhadores realizam segunda greve geral deste ano

DA REDAÇÃO

No dia 9 de junho, a Argentina viveu outra grande greve geral que paralisou todo o país. Essa foi a segunda realizada neste ano e a quinta contra o governo da presidente Cristina Kirchner.

Uma das principais reivindicações é a luta contra um limite de 27% de aumento salarial que o governo quer impor nas negociações coletivas com as empresas. Essa medida é um ataque que significa um achatamento dos salários dos trabalhadores, impedindo que sejam reajustados de acordo com a inflação. A estimativa é de que a Argentina registre só neste ano uma inflação maior do que 30%.

Durante a greve, as atividades nas indústrias, lojas e repartições públicas foram paralisadas. Mais uma vez, houve vários piquetes realizados pelas organizações de esquerda e, mais uma vez, os piquetes foram fundamentais para garantir a paralisação. Eles bloquearam o tráfego em pontes e diversas estradas, como a Pan-Americana, a principal do país. Além de Buenos Aires, ocorreram piquetes em cidades como Córdoba, Mendoza, Rosario, Neuquén, La Plata, Bahia Blanca, San Salvador de Jujuy, San Miguel de Tucumán e Paraná.

Apesar de serem muito importantes pra garantir a paralisação, os dirigentes sindicais pelegos apelam para que não sejam realizados piquetes e passeatas durante a paralisação. Eles querem que os trabalhadores permaneçam passivos em suas casas porque têm medo de que a mobilização possa fugir de seu controle.

Acima, funcionário caminha pelo aeroporto vazio em Buenos Aires; mais de 30 voos só entre Brasil e Argentina foram cancelados. Abaixo, terminal de ônibus também vazio

ELEIÇÕES E AJUSTE FISCAL

A greve foi realizada num momento delicado no país. Em outubro, acontecerão as eleições presidenciais, e o governo de Cristina, após dois mandatos, enfrenta um enorme desgaste. Nos últimos anos, o panorama econômico, social e político da Argentina foi sacudido por sua entrada na crise mundial, o que resultou em ataques aos trabalhadores e a consequente resposta com protestos operários e populares.

Passadas as eleições, tanto os candidatos ligados ao governo quanto os da oposição burguesa, apesar de toda demagogia na campanha eleitoral, vão querer jogar a crise sobre as costas dos trabalhadores. Todos eles estão unidos aos patrões e banqueiros e estão decididos a aplicar um ajuste fiscal semelhante ou ainda mais duro ao implementado pelo governo Dilma aqui no Brasil.

PLANO DE LUTAS

Diante dessa situação, a greve geral foi uma importante demonstração de força da classe trabalhadora argentina. Mostra que há disposição de luta pra derrotar quaisquer ataques contra os seus direitos.

Contudo, é preciso dar um passo a mais pra derrotar os limites impostos pelos dirigentes sindicais pelegos. O PSTU argentino, filiado à Liga Internacional dos Trabalhadores (LIT-QI), defende a necessidade de um plano nacional de lutas e uma greve geral maior que dure, pelo menos, 36 horas.

"O plano de lutas deve ser construído pela base pra ser imposto aos dirigentes sindicais. Os trabalhadores de todas as categorias precisam convocar assembleias ou exigi-las em todos os locais de trabalho. Com democracia sindical, unidade e solidariedade, unindo as lutas para construir e exigir a continuidade da paralisação do dia 9, através de uma outra paralisação nacional, desse vez de 36 horas e com mobilização de rua", explica o partido. E completa ainda: *"Ao mesmo tempo, é preciso ir construindo uma direção alternativa, democrática e de luta, que se coloque à frente da luta dos trabalhadores e seja independente do governo, dos falsos opositores do ajuste e dos patrões".* ■

GRÉCIA

Primeira greve contra o Syriza

Aléxis Tsípras, atual presidente da Grécia

Em 20 de maio, os trabalhadores dos hospitais e centros de saúde pública da Grécia realizaram uma greve de 24 horas para protestar pela falta de funcionários e financiamento. Foi a primeira greve sob o governo do Syriza. A saúde pública no país está à beira de um colapso. O sindicato dos trabalhadores do setor afirmou que o serviço de saúde está *"fora de controle por causa da escassez de dinheiro e de pessoal"*. A situação se agravou com a recente lei de austeridade, aprovada no Parlamento, que obriga (desde os municípios até os hospitais) a colocar à disposição do governo suas reservas de caixa. Esta lei, cujo objetivo é garantir fundos para pagar a dívida externa com o FMI, o Banco Central Europeu e os demais credores, é o resultado da rendição do governo de Syriza às exigências da troika e, ao mesmo tempo, uma traição às aspirações pelas quais o povo grego votou no Syriza e o levou ao governo.

PARANÁ

Greve acaba, mas campanha "Fora Beto Richa" continua

Foto: Romerito Pontes

PSTU PARANÁ

Os professores do Paraná aprovaram o fim da greve em assembleia no dia 9 de junho. Foi uma luta heroica marcada por grandes manifestações. Ficará para sempre na memória dos trabalhadores a violenta repressão da PM do governador Beto Richa (PSDB) contra os professores em 29 de abril.

Infelizmente, a direção estadual do Sindicato dos Trabalhadores da Educação do Paraná (APP-Sindicato) defendeu a saída da greve, aceitando uma proposta ruim e incerta. O reajuste consiste em o Estado pagar 3,45% de aumento (inflação de maio a dezembro de 2014) em parcela única. A proposta não contempla a Lei Nacional do Piso, nem repõe a inflação do período (de 8,17%). A inflação de 2015 será corrigida só em janeiro de 2016. As perdas de 2016 serão pagas em janeiro de 2017. A proposta diz, ainda, que a reposição da inflação de janeiro a abril de 2017 será paga em 1º de maio daquele ano.

CAMPANHA

Depois da violenta repressão, ganhamos mais força e apoio da população. O movimento "Fora Beto Richa" cresceu em todo o estado, com a organização de comitês da campanha. Hoje, somente 5% da população apoia o governador do PSDB. É hora de fortalecer a campanha pelo "Fora Beto Richa" nas ruas, bairros, escolas, igrejas, movimentos, entidades e em todas as bases. ■

ENTRE NA CAMPANHA VOCÊ TAMBÉM

Se você mora no Paraná, organize um comitê em sua cidade Entre em contato pelos telefones:

(44) 9963-5770 (41) 95542132
(41) 9601-8667 (41) 9899-7122

SÃO PAULO

Termina a maior greve da história dos professores paulistas

ELIANA NUNES, DE SÃO PAULO (SP)

No dia 12 de junho, após 92 dias, terminou a greve de professores da rede estadual paulista. A greve enfrentou o governo Alckmin (PSDB), que demitiu, em dezembro, 20 mil docentes, superlotou salas de aulas com até 80 alunos, cortou cerca de R$ 1 bilhão da educação, além de anunciar zero de reajuste salarial em 2015.

O governo tenta enfraquecer o Sindicato dos Professores do Ensino Oficial do Estado de São Paulo (Apeoesp) e desmoralizar os trabalhadores em luta. Foi por isso que Alckmin não negociou e cortou o ponto dos professores e ameaça com uma nova reforma do ensino médio que significará mais demissões e piora na qualidade de ensino.

Foto: Romerito Pontes

LUTA SEGUE

Os professores de São Paulo são um exemplo de luta. Organizaram comandos de mobilização de base em todo o estado. Estiveram à frente de manifestações com 50, 60 mil pessoas, fecharam avenidas e estradas, fizeram acampamentos e ocupações de espaços públicos como forma de pressão.

A força da base evitou que se repetisse a manobra de 2013, quando a direção majoritária, da ArtSind, encerrou a greve contra a vontade da assembleia.

A greve foi suspensa, pois estava se enfraquecendo muito nas últimas três semanas, sem força pra negociar em pé de igualdade com o governo. Uma greve forte na educação pressupõe trabalhadores aderindo e apoio da população. Infelizmente, já não havia nenhuma das duas coisas.

Agora, o próximo passo é coninuar fortalecendo a categoria, apoiar os grevistas que estão sem pagamento por três meses e retomar a mobilização para enfrentar os ataques de Alckmin e Dilma.

SE LIGUE NO NOVO OPINIÃO SOCIALISTA

Você já deve ter reparado que o Opinião Socialista mudou. Desde o número anterior, estamos com um novo visual e uma linguagem mais direta, com temas mais próximos da sua vida.

O lançamento do novo jornal não poderia ter tido lugar melhor. O Opinião desembarcou direto no 2º Congresso da CSP-Conlutas. Um grande piquete de venda do jornal contou com a presença da vereadora do PSTU em Natal, Amanda Gurgel, de Toninho Ferreira, suplente de deputado em São Paulo, e do dirigente do PSTU-RJ, Cyro Garcia, além de dezenas de companheiros do PSTU.

E as atividades não pararam por aí. No dia 16 de maio, a militância do PSTU em Sergipe acordou bem cedinho e foi vender o novo jornal aos petroleiros da Petrobras, em Aracaju. Foram vendidos 80 jornais.

Em Fortaleza, os militantes do PSTU venderam o Opinião na assembleia de rodoviários. Só nessa atividade, foram vendidos 44 jornais.

Faça parte do novo jornal!

Pra continuar avançando, a sua colaboração é fundamental! Escreva pra nós e diga o que achou do jornal. Elogie, critique, proponha temas!

opiniao@pstu.org.br

Vereadora Amanda Gurgel participando de um piquete durante o 2º Congresso Nacional da CSP-Conlutas

É FRIBOI?

Exploração tem nome

Funcionários da JBS fazem paródia contra os abusos do patrão

Os funcionários da JBS, empresa responsável pela Friboi e pela Seara, encontraram um jeito divertido de denunciar os abusos da patronal. Eles gravaram uma paródia do comercial *Carne tem nome – Friboi* e com o título *Exploração tem nome*. O vídeo explica os abusos e foi um sucesso no WhatsApp.

A empresa queria cobrar de cada funcionário R$ 104 por dependente no plano de saúde. O problema é que o salário médio de um funcionário da JBS é de R$ 1.000. Isso significa que, se ela ou ele for casado e tiver dois filhos, teria de desembolsar mais de R$ 300 só nisso.

A campanha teve tanta repercussão que a empresa teve de dar um passo atrás. O valor a ser cobrado caiu para R$ 45 por mês. Isso representa, para empresa, um custo de R$ 43,5 milhões por ano. Um valor bem baixo comparado ao que ela investiu na última camapanha eleitoral.

Segundo dados oficiais do TSE, a JBS investiu, pelo menos, R$ 366 bilhões em financiamento de campanha entre candidados à presidência, governos estaduais e deputados. Aliás, 163 deputados eleitos receberam apoio financeiro da empresa. *"Bastante gente, né? Mas na hora de pensar os benefícios básicos do funcionário, aí não tem!"*, brinca o vídeo.

RAÇA E CLASSE

Ex-Pantera Negra é solto nos EUA

Albert Woodfox, 68 anos, finalmente foi solto pela Justiça dos Estados Unidos depois de passar 43 anos numa solitária. Ele foi preso junto com Herman Wallace e Robert King, que juntos formavam o grupo que ficou conhecido como "Três de Angola".

O grupo recebeu esse nome por causa de uma prisão onde ficaram detidos. Ela ficou famosa pelos inúmeros casos de racismo e por ter sido construída numa antiga plantação onde trabalhavam escravos angolanos.

Em 1972, foram acusados de assassinar a facadas um guarda branco – crime que sempre negaram. Os três faziam parte do grupo Panteras Negras, que lutava pelos direitos dos afro-americanos. Provavelmente, tiveram a pena agravada por isso. King foi libertado em 2001, e Wallace em 2013.

Albert, no entanto, continuou cumprindo pena. Segundo o jornal *NewYork Times*, ele passava 23 horas por dia sozinho. Aos finais de semana, eram 23 horas e 45 minutos. Tudo isso durante mais de quatro décadas. Segundo a juíza Docia Dalby, num relatório de 2006, não há nenhum caso parecido na história do país.

SEU BOLSO

Conta de luz vai subir 40%

Essa semana, o Banco Central anunciou o aumento da taxa Selic (juros) para 13,75%. Como essa taxa é a base para o cálculo de muitas outras, o Conselho de Políticas Monetárias (Copom) estimou que isso vai provocar um aumento de 41% na conta de energia elétrica. Um aumento maior do que havia sido anunciado em abril.

O argumento do governo é de que a seca afetou o armazenamento de água, elevando os custos de produção nas hidrelétricas. A verdade é que, com esse aumento que nós vamos pagar, o governo Dilma está dando para as empresas o que não deu em 2012, quando houve uma redução de 20% na conta de luz.

Outro item que vai pesar no nosso bolso vai ser o combustível. A estimativa é que a gasolina suba 9,8%. Isso afeta tanto quem tem carro próprio quanto quem depende das empresas de ônibus que tentarão passar para o preço da passagem o aumento. O gás de cozinha também vai subir. A estimativa é de 3%.

Todos esses itens formam os chamados *preços administrados*, que são os principais responsáveis pela inflação de 8,46% nos últimos doze meses. A maior desde 2003.

RACISMO CONTINUA

Celulares contra o racismo

Albert Woodfox não deve ter encontrato um mundo muito diferente do que vivia quando foi mandado para a solitária (*ver nota acima*). Isso porque 2015 não tem sido um bom ano para a população negra americana. Já são inúmeros casos de morte causados pela brutalidade e pelo racismo policial.

Freedie Gray, Mike Brown, Tony Robinson, Eric Garner e Tamir Rice (de 12 anos!) são só algumas vítimas da discriminação. Assim como na década de 1960, casos como esses desencadearam grandes protestos de rua contra a ação da polícia.

A diferença é que hoje vídeos de celulares flagram a brutalidade e são rapidamente espalhados e usados como prova do racismo policial. O último caso aconteceu em McKinney, quando jovens negros foram repreedidos após saírem da uma piscina num bairro de maioria branca. Se não tivesse sido filmado, seria apenas mais um caso de racismo, passando despercebido pela sociedade.

Protesto em Ferguson (EUA) após a morte de Mike Brown

FESTA JUNINA

Vem dançar no meu arraiá!

VINY PSOA,
DA REDAÇÃO

A festa no mês de junho, a festa junina, foi trazida pelos portugueses, com mais força à região nordeste, no período da colonização em comemoração às boas colheitas e à fertilidade da terra. Como as oferendas eram feitas numa estação fria, grandes fogueiras eram construídas. Com o passar do tempo, a igreja católica se apropriou da data fazendo referência a São João Batista, primo de Jesus. Por isso, o nome "festa de São João".

Aos poucos, a organização camponesa das tradicionais festas caipiras perdeu espaço para o avanço das atividades urbanas. Mas a tradição sertaneja das festas no meio do ano continuou a existir, seja no interior do país, seja nos arraiás das grandes cidades. Afinal, como dizia o escritor Guimarães Rosa, "o sertão é do tamanho do mundo".

Festejada em quase todo o país, a festa junina tem uma importância muito especial no Nordeste. É lá que está Campina Grande (PB) que, segundo os seus organizadores, realiza o "maior São João do mundo".

O ARRAIÁ DE DONA CLEÓ

Pau de sebo, correio elegante, pescaria, quebra pote, jogo de argola. Chuveirinho, mijão, chumbinho, traque palito, bomba bujão, peido de veia, rojão. Milho cozido, canjica, sanfona e quentão: essas são brincadeiras e comidas típicas de uma festa junina legítima. Sem falar das bandeiras coloridas no ar, dos balões, dos arranha-céus.

Esse sempre foi o sonho da dona Cleó: realizar em seu bairro, em Natal (RN), uma grande festa junina, como antigamente, como no tempo de seus avós. Uma festa em que toda a comunidade pudesse participar, que tivesse quadrilha na rua, decoração com palha de coqueiro, fogos, milho assado na fogueira e sanfoneiro até amanhecer.

Mas hoje, infelizmente, esse sonho não será tão fácil de se realizar. Dona Cléo terá uma dor de cabeça grande. Terá de entrar em contato com a prefeitura para garantir vários tramites burocráticos. E quando ela conseguir falar com alguém, terá que aguardar em uma enorme fila. *"Só não vai ser pior do que as filas dos hospitais públicos"*, em tom de ironia dizia Dona Cleó.

Diferentemente de alguns políticos que conseguem tudo sem nenhuma burocracia e ainda tem até arraiá com o próprio nome. Depois que eles se elegem, usam o mandato, não a serviço do povo, mas para seguir se promovendo nos eventos populares. Aproveitam a festa junina para fazer showmícios, uma espécie de campanha antecipada. Deixando evidente que se não fosse por ele, aquela festa não estaria acontecendo. Esse tipo de prática já foi proibida, mas segue acontecendo em muitas cidades.

Para Dona Cleó, o jeito é reunir toda a família, juntar as madeiras do quintal, montar a fogueira na porta de casa e sentar na calçada para esperar o milho assar. A vontade de fazer algo coletivo, organizando toda a comunidade, não será possível.

E mesmo que dona Cleó insista e feche a rua em que mora para organizar uma grande festa, ela terá problema com a polícia. A tropa de choque pode passar por lá e soltar umas bombas, mas não serão de São Joao.

SOBREVIVENTE

Resistência da cultura popular

Como tudo no capitalismo, as festas juninas também são apropriadas pelo sistema para gerar lucros através de políticas de governos e empresas. Mas os arraiás de bairros, apesar de tudo, continuam resistindo. Infelizmente, para muitos hoje em dia, a única forma de curtir e aproveitar um arraiá é ter de enfrentar os grandes centros e pagar caro, muitas vezes, para entrar.

Algo semelhante acontece com os blocos tradicionais de carnaval de rua. Querem institucionalizá-los, a prefeitura quer tomar conta. Cadastros obrigatórios, trajetos restritos. *"De forma indireta, acaba acontecendo uma terceirização da cultura brasileira"*, relata Cida Lobo, cantora e fundadora do Bloco do Barbosa e do Fuá, que acontece nas ruas do bairro Bixiga, em São Paulo.

GLOSSÁRIO

Se ligue no arraiá

O que se vê nas festas juninas pelo país

PAU DE SEBO
Pau de três metros com um prêmio em seu topo; Ganha o prêmio quem conseguir pegá-lo.

CORREIO ELEGANTE
Durante a festa, mensagens são enviadas à pessoa paquerada.

QUEBRA POTE
O sujeito vendado tem de acertar um pote de barro cheio de guloseimas.

CHUVEIRINHO
Vara com pólvora. Acende a ponta e gira sentido horário.

MIJÃO
Fogos de artifício em forma de lápis. Acende e joga pra cima.

CHUMBINHO
A alegria das crianças. Pólvora enrolada em papel. É só jogar no chão que ele estoura.

TRAQUE PALITO
Bomba em forma de palito de fósforo.

BOMBA BUJÃO
Como o nome já diz, bomba de mão em forma de bujão.

PEIDO DE VEIA
Traque não muito potente, fraquinho.

ROJÃO
Mais conhecido, em formato de cano, é só acender e apontar pra cima.

SANFONA
Instrumento musical utilizado no forró.

COPA AMÉRICA

O que esperar da seleção brasileira?

Mais uma vez, diferentemente do futebol chato e truncado apresentado na estreia da seleção contra o Peru, surgiram as belíssimas jogadas de Neymar

LUCIANA CANDIDO, DA REDAÇÃO

Começou no dia 11 de junho, no Chile, a Copa América. O Brasil estreou no dia 14 contra o Peru. Com um futebol nada convincente, a impressão da torcida é de que o time ainda joga do mesmo jeito que enfrentou a Alemanha e a Holanda na Copa do Mundo. Ou seja, um futebol apático, sem criatividade e taticamente confuso. Mais uma vez, em contraste com o futebol chato e truncado, surgiram as belíssimas jogadas de Neymar. Dunga pode até ter valorizado o conjunto da equipe e minimizado o papel do camisa 10. Mas a verdade é que a seleção depende de Neymar. Isso é péssimo. Se Dunga continuar com a escalação de retranca só para bater metas, o Brasil corre risco de novo vexame.

As outras seleções animaram menos ainda. Até mesmo a favorita Argentina, que jogou com o craque Messi e Agüero, empatou com o Paraguai. No momento que esta edição estiver circulando, o Brasil estará em campo com a Colômbia de James Rodríguez. Apesar das opções de Dunga, vamos torcer para que a seleção desperte e volte a jogar seu belo futebol.

MOVIMENTO

Uma Copa de protestos

Um dia antes da abertura da copa America, centenas de milhares protestaram em Santiago, capital chilena, exigindo da presidente Michelle Bachelet a reforma educacional. Estudantes e professores estão em greve há duas semanas por educação pública gratuita e de qualidade. Atualmente, não existe ensino gratuito no Chile. Em contrapartida, o governo gastou cerca de R$ 280 milhões em reformas de estádios.

No jogo entre Brasil e Peru, estudantes levaram cartazes e um troféu com a frase "Copa da Gratuidade". Como aconteceu durante a Copa do Mundo no Brasil, em 2014, a polícia proibiu que os manifestantes chegassem perto da arena de Temuco, onde aconteceu a partida. As manifestações têm sido violentamente reprimidas. Em maio, dois jovens militantes comunistas foram assassinados.

FUTEBOL FEMININO

O show que ninguém viu

Dia 9 de junho de 2015. Um erro da defesa da Coreia do Sul. Com experiência e velocidade, Brasil marca o primeiro gol da sua partida de estreia na Copa.

Coreia do Sul? Sim! Estamos falando da Copa do Mundo de Futebol Feminino que começou no dia 6 de junho no Canadá. Formiga, 37 anos, marcou o primeiro dos dois gols que deram a vitória à seleção brasileira. Isso depois de uma sequência de finalizações, inclusive da zagueira Mônica.

No segundo tempo, Formiga levou pênalti. Marta, cinco vezes melhor jogadora do mundo, com mais Bolas de Ouro do que Messi, marcou seu 15° gol em mundiais. Com isso, se transformou na maior artilheira da copa feminina, se igualando a Ronaldo fenômeno em mundiais.

O segundo jogo do Brasil, contra a Espanha, foi difícil. Mas Andressa garantiu o gol da vitória e colocou o Brasil nas oitavas de final. As outras seleções também fizeram bonito até agora.

INVISIBILIDADE E MACHISMO

O futebol feminino melhora a cada competição. A seleção feminina nos presenteou com um futebol ofensivo e bonito. Bem melhor do que a estreia da seleção masculina na Copa América. Apesar disso, ninguém fala nas meninas. A imprensa boicota, o público ignora.

A Rede Globo, que compra os direitos de transmissão de todos os campeonatos ligados à CBF, revendeu o futebol feminino para a TV Brasil e para a Band. Apenas um canal da TV a cabo, o Sportv 3, reprisa os jogos em horários inúteis. A Band vai exibir apenas a segunda fase da copa feminina, provavelmente só porque o Brasil estará lá. Essas negociatas têm por trás os interesses dos conglomerados de comunicação, dos patrocinadores e da cartolagem. Na TV, enquanto as mulheres jogavam, os canais de esportes exibiam futebol masculino, poker, hipismo, handebol. Qualquer coisa, menos o futebol feminino.

LUGAR DE MULHER É NO GRAMADO SIM

O boicote reforça a ideologia machista de que lugar de mulher não é no gramado. Quando se fala em mulher no futebol, as primeiras notícias são sobre as musas das competições. Estamos falando em concursos de beleza realizados por clubes e programas de TV e closes das torcedoras ditas mais bonitas. Quanto às poucas mulheres que apresentam e/ou comentam futebol na imprensa, as palavras que mais recebem dos homens são sobre sua aparência física e não sobre seus conhecimentos esportivos.

LINHA DE PASSE

Cadê a grama

Coisa que não acontece no masculino, os gramados da Copa feminina são de grama sintética, uma mistura de borracha e plástico que eleva a temperatura, prejudica o desempenho das atletas e provoca ferimentos e queimaduras nas quedas.

Estratégia machista

O coordenador de futebol feminino da CBF, Marco Antônio Cunha defende uma estratégia pra lá de machista pra dar visibilidade ao futebol feminino. Ele sugere que as jogadoras usem maquiagem e shorts curtos. *"Agora, os shorts estão mais curtos, os penteados estão mais bem-feitos. Não é uma mulher vestida como homem"*, disse.